

## **Poder, Prestígio & Valores Esquecidos: um manifesto dos estudos em desastres**

Queremos inspirar e formar relações mais respeitadas, recíprocas e autênticas entre cientistas "locais" e "externos" na realização de estudos sobre desastres. Este Manifesto chama a atenção para repensar nossas agendas de pesquisa, nossos métodos e nossa alocação de recursos.

Reconhecemos que esse manifesto reflete os princípios que aspiramos como coletivo, e que muitos cientistas ao redor do mundo lidam e lutam com aspectos ressaltados nesse manifesto. Este manifesto não é, de nenhuma maneira, uma afirmação de termos alcançado esses objetivos em nossos trabalhos.

Nós, abaixo assinados, estamos comprometidos com os princípios salientados a seguir e convidamos outros a se unirem a fim de colocar as palavras em prática.

### **1. Nossas preocupações**

1.1 Os estudos sobre desastres nem sempre estão baseados em necessidades e realidades locais: cientistas às vezes atuam a partir de um déficit cultural sobre a realidade a ser analisada, sobre os riscos cotidianos que as pessoas lidam.

1.2. Em consequência, os estudos sobre desastres conduzem, muitas vezes, a descobertas que são de conhecimento das pessoas que vivem em risco. No pior dos casos, isso pode se converter em uma conquista intelectual: pesquisa feita SOBRE as pessoas que experimentam os riscos, em vez de POR, COM e PARA elas.

1.3 As metodologias de pesquisa científicas adotadas se baseiam principalmente na herança do pensamento iluminista, e foram construídas por pesquisadores de países imersos nessas tradições e contextos. Até mesmo o idioma que utilizamos (hoje em dia principalmente o inglês acadêmico), nossas narrativas, nossas referências culturais e as formas como enquadrados nossos problemas de pesquisa se baseiam, em grande parte, nessas origens do pensamento iluminista, e desconsideram outras epistemologias e ontologias locais e de outros povos. As influências desse pensamento se manifestam inclusive nas expectativas dos nossos revisores de projetos e de publicações científicas.

1.4 Essa herança também se vê refletida na forma como as instituições valorizam, atribuem e medem o impacto e sucesso da pesquisa científica, lógica essa que também se introduz na definição dos temas de pesquisa, na alocação de recursos financeiros para alguns temas, nos editais de agências de pesquisa e órgãos de financiamento. Enfim, em toda uma cadeia de atores que se relacionam.

1.5 As agendas de pesquisa científica sobre desastres são impulsionadas, muitas vezes, por interesses institucionais pontuais, por temas e termos que estão na moda, por interesses econômicos e políticos que apresentam as maiores oportunidades de financiamento para a pesquisa. Além disso, os mecanismos de financiamento tendem a

favorecer propostas de pesquisa que servem para manter o *status quo*, a servir a interesses de um modelo neoliberal que não são os dos contextos locais estudados. Em muitos casos, os recursos e a duração dos financiamentos de pesquisa são curtos e não respondem à necessidade de pesquisa científica capaz de estabelecer uma relação ética duradoura com a realidade estudada.

1.6 As agendas de pesquisa também estão pautadas por interesses de política externa, de ajuda humanitária e apoio ao desenvolvimento e, muitas vezes, expressam-se por meio de recursos para pesquisas que acabam promovendo interesses diplomáticos e comerciais dos órgãos que as financiam, independentemente das necessidades daqueles que se tornam objeto de pesquisa. Muitos desses projetos de pesquisa ou de desenvolvimento de capacidades podem se tornar novas formas de colonialismo ou neocolonialismo. Por outro lado, existe uma falta de recursos de financiamento para pesquisas e ações realizadas PARA e PELAS pessoas que vivem na esfera local.

1.7 Muitas vezes, os especialistas externos à realidade local tomam a iniciativa e levam o crédito ao pesquisarem os grupos ditos “vulneráveis”, categoria que está amplamente normalizada. Em tais casos, as pessoas que estão sujeitas a estas pesquisas e os (as) pesquisadores (as) do próprio país e/ou local estudado são desencorajados (as) e/ou utilizados(as) como auxiliares e mão-de-obra barata para as pesquisas dos especialistas externos. Esta abordagem pouco saudável tem sido replicada por muitos pesquisadores, universidades e agências de fomento à pesquisa.

1.8 Pesquisadores são motivados, muitas vezes, pelas oportunidades de financiamento, mas também pela possibilidade e pela pressão em desenvolver e publicar obstinadamente seus resultados científicos em revistas de alto impacto, pelo prestígio que isto lhes confere, e isso tem se dado à custa de tornar o Outro como algo exótico e/ou “vulneráveis”, sem que necessariamente conheçam os resultados das pesquisas das quais fizeram parte.

## **2. O futuro que queremos**

2.1 Queremos que os estudos sobre desastres demonstrem respeito e confiança pelas pessoas e pesquisadores que estão na realidade estudada, com seus conhecimentos e habilidades, sem importar quais sejam suas origens. Aqueles que geralmente são pesquisados ou que estão acostumados a ajudar os pesquisadores externos reconhecem que podem e que devem liderar as pesquisas, e que seus conhecimentos e habilidades são valiosos, tais como outros lugares do mundo.

2.2 Queremos que os pesquisadores possam estudar suas próprias localidades em risco e os desastres que acontecem, onde quer que ocorram. Os pesquisadores locais tendem a conhecer melhor os contextos que vivem e, portanto, devem se converter em principais cientistas nos projetos de pesquisa sobre riscos e desastres. Também devem liderar as publicações acadêmicas e não-acadêmicas, de forma oral e escrita.

2.3 Queremos que os pesquisadores externos à realidade estudada venham e apoiem as iniciativas desenvolvidas no local somente quando for necessário. Quando se justificar uma colaboração científica, as pessoas e/ou os pesquisadores do local devem manter sua autonomia, seu poder de liderança e tomada de decisões, inclusive por meio de formas autênticas de pesquisas participativas conduzidas por pessoas em situação de risco e onde geralmente não há muita capacidade local de pesquisar. A colaboração entre pesquisadores “do local” e “de fora” deve aproveitar, de maneira vantajosa para ambas as partes, as alianças e diálogos pré-existentes, como também buscar novas alianças que tenham interesse mútuo.

2.4 Queremos que as epistemologias locais de pesquisa e as concepções dos diferentes povos sobre os desastres sejam centrais no nosso campo de estudo, a fim de refletir melhor as diversas realidades e contextos. Nesse sentido, cientistas devem valorizar e buscar ontologias e epistemologias associadas a seus contextos e, quando oportuno, descolonizar as formas de se fazer pesquisa em desastres, avançando para além das referências, conceitos, metodologias e linguagens importadas que tradicionalmente caracterizam o campo. Os pesquisadores devem ser incentivados e apoiados não somente para publicar em revistas internacionais, mas também para escrever em seus idiomas e publicar em seus países de origem, valorizando essa publicação e disseminando-a.

2.5 Queremos que nosso campo de estudos reitere que a pesquisa em desastres traz consigo uma agenda política, que é abordar as causas básicas da vulnerabilidade e reconhecer as capacidades. Nossa pesquisa deve ser orientada a contribuir para redução do risco de desastre, em vez de construir uma reputação acadêmica. Criar condições para que os pesquisadores do local, ou contexto a ser estudado, assumam uma posição de vanguarda na pesquisa acadêmica deve ser um primeiro movimento político e simbólico nessa agenda política, reconhecendo que a pesquisa em desastre não é apolítica nem isolada de heranças históricas de dominação e colonialismo.

2.6 Queremos que nosso campo de pesquisa se mova em um sentido em que não somente as histórias tenham um bom rumo, mas que estas também possam ser contadas de uma forma diferente, dando vozes aos sujeitos da pesquisa. A difusão dos resultados das pesquisas deve se realizar de uma maneira que demonstre a colaboração, a liderança, a valorização das formas locais de produzir conhecimento, de registrá-lo e de apresentá-lo. Também devemos compartilhar e apresentar essas formas de conhecimento em idiomas que sejam acessíveis para as pessoas que querem fazer pesquisa e/ou utilizar o conhecimento que foi gerado através dela. Para tanto, também é importante que nosso processo de revisão por pares seja sensível a ontologias e epistemologias diferentes das formas tradicionais do pensamento iluminista.

### **3. Como chegar lá?**

Mudar COMO pesquisamos:

3.1 Deixar de assumir o papel de especialista sobre as condições locais; assegurar que os pesquisadores do local e as pessoas que vivenciam os riscos possam contar suas próprias histórias e desenvolver seus próprios métodos, para seus propósitos. Os estudos sobre desastres podem não só resistir aos enfoques normativos que beneficiam, em grande parte, os acadêmicos externos à realidade, mas também podem promover a idéia de que a pesquisa deve se realizar principalmente para o benefício local.

3.2 A pesquisa científica deve se adequar a perspectivas e metodologias sensíveis à realidade cultural local, assim como serem desenvolvidas e submetidas à sua análise crítica. Entretanto, muitas vezes se assume que as idéias e a ciência baseadas no pensamento iluminista são essenciais e racionais, como se fossem superiores e trouxessem consigo uma missão de “trazer progresso”. Entretanto, essa idéia de “progresso” é insuficiente e ignora as práticas sociais e institucionais do contexto onde almejam se impor. Essa ruptura epistemológica deve figurar em nossas atividades científicas de rotina, como a revisão por pares em publicações e projetos.

Mudar O QUÊ e QUEM pesquisamos:

3.3 Encorajar e promover que pesquisadores locais, ou do contexto a ser estudado, sejam líderes do processo de construção e desenvolvimento de propostas de pesquisa baseadas em prioridades locais, teorizadas à luz de problemas elencados pelas pessoas, e que valorizem suas capacidades, sempre à luz da análise crítica.

3.4 Nem sempre priorizar pesquisas que adotem abordagens tradicionais de pesquisa e que acabam por deixar as ontologias e epistemologias locais e dos povos tradicionais e/ou indígenas em segundo plano. As epistemologias e ideologias que dão base às pesquisas sobre desastre são importantes porque se refletem nas perguntas que são feitas, determinam os conjuntos de métodos empregados e modulam as formas de análise.

Mudar QUEM faz a pesquisa:

3.5 Fomentar a liderança de instituições locais de pesquisa (independentemente de suas posições nos rankings internacionais), incluindo as agências de financiamento locais, e encorajar que pesquisadores (as) locais liderem as propostas de pesquisas, da elaboração das propostas à coleta e análise de dados, assim como na redação de publicações científicas. Isto ajudará a minimizar o descompasso existente entre “a descoberta do novo” pelo pesquisador externo à realidade estudada e o que já é de conhecimento daqueles que vivenciam o contexto analisado.

3.6 Empregar métodos de pesquisa que permitam e encorajem as pessoas e pesquisadores do contexto a ser estudado a assumirem um papel de liderança, a questionarem, opinarem e criticarem as fases da pesquisa e seus resultados, de forma que estes gerem maiores benefícios às pessoas, que são sujeitos da pesquisa, e os pesquisadores locais.

#### **4. Junte-se a nós e comprometa-se a:**

4.1 Desenvolver uma agenda de pesquisa que reflita as realidades, prioridades e críticas locais, reconhecendo que os pontos de vista e os interesses dos grupos sociais inseridos nesse contexto são diferentes.

4.2 Respeitar e aproveitar os esforços e resultados atingidos por cientistas do local, em vez de valorizar somente o que pesquisadores externos produziram.

4.3 Fazer *lobby* para mudar as agendas de pesquisa científica, por meio de nossas publicações, processos de revisão por pares, redes e atividades profissionais.

4.4 Promover e advogar por mais oportunidades de financiamento local para dar suporte a este modelo de pesquisa, de modo que o financiamento externo somente complemente os recursos quando necessário.

4.5 Ajustar-se e seguir as agendas de pesquisa locais e trabalhar dentro de suas epistemologias e/ou do contexto a ser estudado, com análise crítica.

4.6 Assegurar que a pesquisa tenha a meta central de gerar melhorias à vida daqueles que estão envolvidos na pesquisa.

4.7 Buscar a criação de redes com instituições e pesquisadores em diferentes partes do mundo (e com aqueles que frequentemente são sujeitos em nossas pesquisas).

4.8 Buscar e envolver estes pesquisadores em projetos realizados em nossas próprias localidades, encorajando suas críticas e conselhos sobre nosso trabalho e as abordagens que temos adotado.

4.9 Comprometer-se a apoiar e publicar em revistas científicas de diferentes partes do mundo. O acesso livre a essas publicações também é importante: assegurar que os acadêmicos do mundo todo possam usar os trabalhos de pesquisa e tomar cuidado para não perpetuar as desigualdades mediante a publicação em revistas científicas que comercializam artigos.

4.10 Criar oportunidades de publicações sobre o tema de desastres em outros idiomas, para além do inglês.

4.11 Encorajar e promover publicações e apresentações, acadêmicas e não acadêmicas, lideradas localmente.

**Esperamos que se junte a nós!** Os estudos sobre desastres devem ser mais inclusivos e colaborativos. Se tivermos êxito, os estudos sobre desastres poderão contribuir mais à redução de risco de desastre. Não podemos esperar.

Colaborador@s